

COMUNICAÇÕES \*

---

---

---

\* Comunicações apresentadas nas comemorações do X Aniversário da Universidade dos Açores.

AS CIÊNCIAS SOCIAIS  
PONTO DE ENCONTRO  
ENTRE O COMPROMISSO SOCIAL  
E A FUNÇÃO CULTURAL DA UNIVERSIDADE

FRANCISCO CARMO

Dez anos passaram sobre a criação da Universidade dos Açores. É pouco para uma instituição mas o bastante para ver de pé uma experiência e sabê-la consistente. Ela deve-se à inteligência e tenacidade de um homem que a lançou — o Prof. Doutor José Enes P. Cardoso. Mas não é alheia à sua eficácia, e não lhe tira o mérito, a acção de outros, de diversas proveniências, que criaram apoios, um ambiente favorável, originaram um consenso. A organização inicial foi, com dedicação inteligente, continuada e apurada pelo Reitor sucessivo e actual — o Prof. Doutor António Bettencourt Machado Pires. A estas acções de arranque e de organização consolidada é de juntar a presença, a resposta adequada e o bom senso dos alunos-estudantes que a souberam trazer viva e não mutilada, apesar das dificuldades, até este 10.º Aniversário. Sem eles não haveria Universidade. E a colaboração útil e o suporte dos funcionários não são de esquecer.

E aqui estamos neste novo limiar que, se é ocasião propícia para celebração, também é de reflexão sobre os problemas pendentes e as soluções que se descobrem, face à experiência adquirida e às interpelações que a sociedade e a Região nos levantam.

### 1. As Ciências Sociais e a função social e cultural da Universidade

As *Ciências Sociais* são um desses focos de reflexão em que me vou concentrar entendendo-as não só no seu sentido mais geral mas no sentido funcional e académico-administrativo que têm nesta Universidade.

Podemos considerá-las *ponto de encontro* (não único, mas bastante específico) *do compromisso social e da função cultural da Universidade*. Ambas as funções — *social e cultural* — têm sentido de serviço à comunidade só que uma tem o carácter de resposta imediata, enquanto a outra o é a prazo, a um nível de globalidade, de explicação racional teorizante.

A Universidade nasce porque a desejam de forma expressa ou porque a precisam segundo a leitura feita das necessidades da comunidade. Os critérios em que se apoia para instalar-se visam o meio-ambiente, a sua dimensão, o serviço que se espera. Na criação da Universidade dos Açores (então I. U. A.) tinha-se em vista responder à especificação da Região, ao nível da docência e da investigação (designadamente *aplicada*, mas não exclusivamente)<sup>1</sup>.

As exigências profissionais e de organização empresarial, a desejada eficiência da administração, o poder da opinião pública, as transformações rápidas — económicas, sociais e políticas — a que se assiste cometem à análise e à reflexão sempre novas tarefas e que solicitam a Univer-

<sup>1</sup> Decreto-Lei n.º 5/76, 9 de Janeiro, *Diário do Governo*, I Série, p. 23.

sidade. E as Universidades europeias (além de outras, USA) vêm respondendo e têm criado uma praxe nesta direcção de «compromisso social» com seus cursos de matiz profissional adequados, com uma investigação chamada de «ponta» e com outros serviços. Tem aqui lugar — não único, de certo, mas de verdade importante — as *Ciências Sociais* pelo conhecimento que possuem dos mecanismos sociais, pela natureza do seu método que pode avançar sempre novas pesquisas sobre os factos e situações, pela ligação estreita que mantêm com a vivência colectiva como matéria do seu estudo específico.

Depois de expor os traços fundamentais de uma Universidade Jean-Louis Quermonne recorta-lhe uma definição-resumo: «Universidade é uma instituição autónoma de natureza científica, pedagógica e cultural que tem por missão, no respeito ao pluralismo, à tolerância e ao espírito crítico, fazer progredir a ciência respondendo às necessidades expressas, em matéria de formação, de investigação e de cultura, pelo seu ambiente («environnement») e em relação constante com ele»<sup>2</sup>. Aqui se desenha o papel importante e específico das Ciências Sociais na resposta ao meio, como elos muito funcionais de ligação com ele.

A situação regional em que vivemos cria-nos também apelos nesta direcção. A autonomia regional adquirida e a consolidar-se; o plano de desenvolvimento que pretende refazer anos de atraso e garantir a qualidade de vida insular; a escolaridade em aumento fomentando novas aspirações e a participação; as transformações aceleradas, e a crise de valores que arrastam, repercutindo-se sobretudo na juventude e na família; a abertura a novos espaços europeus (e atlânticos); a eficácia a garantir do aparelho administrativo; as novas leis que vêm surgindo para a reforma das estruturas tradicionais (Lei de Orientação Agrícola)<sup>3</sup> requerem apurados estudos, designadamente

<sup>2</sup> *Pour des Universités Autonomes*, in «Projet», 140 (1979) 1197.

*sociológicos*, que nos relevem os dados da situação; as atitudes das populações e os sistemas de valores que as estimulam e inibem; o ajustamento entre os meios, potencialidades e os objectivos propostos; que detectem os factores socioculturais condicionantes do desenvolvimento e da inovação; que recortem um perfil de agentes de mudança capazes de conjugar a compatibilidade com a homofilia e a empatia<sup>4</sup>, etc., etc. Nesta tarefa de compreender a realidade e de documentar-se sobre ela a Sociologia encontra-se interdisciplinarmente com a Psicologia (designadamente social) e a Etnologia; com a Economia e a História<sup>5</sup> e abre-se ainda para outros campos do saber pois a consciência crescente de um empenhamento, decidindo-se no interior da ciência, a ultrapassa, pondo em causa o homem nas suas dimensões pessoais e sociais<sup>6</sup>.

O modo de exercer esta acção será através da comunicação livre dos seus estudos; por via de contractação-resposta a solicitações sociais; pela animação científica, cultural e social junto de entidades já constituídas ou a constituir-se; pelos estudos de criação e viabilização de empresas, etc.<sup>7</sup>. «A autonomia acrescida das Universidades traduz-se a este nível pela generalização do processo contratual...» e pela maior capacidade de resposta ao seu compromisso social<sup>8</sup>.

A função de «compromisso social» da Universidade e que se exerce de modo particular pelas Ciências Sociais não

<sup>3</sup> Cf. *Decreto Legislativo Regional sobre Orientação Agrícola*.

<sup>4</sup> Cf. ROGERS, E.-SHOEMAKER, *Communication of Innovations*, New York, Free Press, 1968, pp. 237-243.

<sup>5</sup> Cf. BERGER, P., *Perspectivas Sociológicas*, Petrópolis, Editora Vozes, 1978, pp. 29-30.

<sup>6</sup> Cf. MASSAUX, E., *A Universidade Católica no Mundo Contemporâneo*, in «Brotéria», 4 (1981) 244.

<sup>7</sup> Cf. ARCHAMBAULT, E., *Universités à pour décentraliser*, in «Projet», 185-186 (1984) 589 s.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 590.

é um poder paralelo ou concorrencial, nem uma alienação ao preço da moeda em troca, mas um conhecimento ou compreensão da realidade; uma explicação dos mecanismos sociais e das suas «leis»; a informação das perspectivas de acção daí decorrentes; um subsídio proposto à reflexão dos que decidem, deliberam e governam. Estas balizas são também as condições da sua isenção, credibilidade e audiência.

Estes limites e condições melhor se compreendem à luz da outra função que cabe à Universidade e com a qual o «compromisso social» se deverá compaginar — *função cultural*. E tomo a palavra, para a definir, de uma comunicação à Assembleia Geral da Conferência dos Reitores Europeus das Universidades (CRE) em Atenas, 10 de Setembro de 1984: «Se a Universidade desempenha mais directamente uma função profissional, exerce, mais largamente, uma função cultural, que é também um serviço indispensável ao progresso das sociedades ... e conserva toda a sua liberdade para lembrar à sociedade que a sua contribuição para o bem da colectividade se situa igualmente ao nível da cultura a promover, do saber desinteressado e da investigação livre»<sup>9</sup>.

A excelência do pensamento, o apuramento das razões e da significação da vida, o crescimento na sabedoria integral, são finalidade elevada dum educação adulta e superior a que a Universidade é chamada por vocação própria. A razão maior deste enfoque é o *homem* que aqui está em causa, os seus valores, a sua vida, o seu destino. E a Universidade como instância última de estudo superior não pode deixar de assumi-lo na vertente mais alta da sua inteligibilidade. A observação do concreto e do imediato, a descrição caracterizante, a compreensão integrativa dos fenómenos e factos são ponto de partida mas não termo

<sup>9</sup> CARRIER, H., *Futuro e Função da Universidade*, in «Brotéria», 6 (1984) 484 e 485.

do pensamento universitário que demanda uma explicação mais ampla, profunda e descomprometida das coisas, dos ambientes e do homem<sup>10</sup>.

A autonomia universitária que por vezes se põe, quase tão-só, em termos políticos e económicos, deve residir principalmente na sua especificidade pensante, cultural e investigativa; e esta estará presente em todas as instâncias da Universidade, não será monopolizada por estruturas intermédias e deve resultar da colaboração participativa de todos os sectores.

Universidade *útil* (pelo compromisso social) e Universidade *sábia* (pela sua função cultural) não se põem como termos alternantes mas como funções integrativas equilibradas numa visão de totalidade — o *UNIVERSALE*, na especificidade desta instituição — *UNIVERSITAS*, com sua finalidade essencial no humano — *HUMANITAS*.

Papel que a este nível terão as Ciências Sociais?

Cabe-lhes a procura incessante de todo o real sem se limitar às demandas sociais que lhe são significadas ou propostas; investigar as áreas mesmo não julgadas de interesse imediato mas supostas de valor científico; questionar criticamente as evidências aceites e estabelecidas, com base na análise dos factos e da explicação, que não por um estatuto de «oposição» ou em atitude de «objector»; contribuir para uma teorização mais ampla e consistente da vida social em que as proposições assumem um sentido de explicação global e profunda da vida e da sociedade; avançar e difundir os seus estudos e convicções resultantes da análise dos factores mais profundos em que germinam as crises sociais e que põem em risco a civilização e atentam contra os valores humanos, mesmo que ao arrepio das tendências sociais, de programas estabelecidos, de acções delineadas. Cabe-lhes manter e promover

<sup>10</sup> Cf. SILVA, C.H., *A Universidade e o Amor da Sabedoria*, in «Brotéria», 4 (1980) 240-243.

cursos que concorram para a humanização da pessoa e da vida, que garantam um padrão intelectual mesmo que sem perspectivas imediatas de emprego altamente remunerado (é um desafio!).

E voltando à comunicação referida na Assembleia dos Reitores Europeus: «Acedendo a prestar-se à investigação para fins industriais, técnicos ou médicos, a Universidade conserva a sua liberdade para lembrar que, muitas vezes, não há relação directa e imediata entre a descoberta científica e as consequências socio-económicas. Em muitos casos, aquisições importantes em investigação pura não encontrarão aplicação prática senão vários anos mais tarde. Muitas vezes também, a inovação científica arrasta efeitos culturais inesperados e que ultrapassam em importância as vantagens económicas que dela se esperavam»<sup>11</sup>. E mais adiante: «O saber não pode ser considerado apenas como meio (útil profissionalmente) mas é também um fim, um objectivo em si, e isto está ligado à dignidade humana ... A Universidade é a única instituição que se esforça por conseguir a universalidade do saber, em desinteressada perspectiva de educação humanista. A Universidade ocupa-se das finalidades universais do ensino e da investigação»<sup>12</sup>.

As Ciências Sociais dão-se conta dos seus limites para realizar ou colaborar na função *social* e *cultural* da Universidade. Percepcionam também a fluidez e a complexidade do seu *objecto* que, diferentemente do das ciências naturais, é também um *sujeito*. E apreendem ainda, pela observação e análise os condicionamentos e os limites do homem situado. Daí a necessidade de praticar entre elas, designadamente, a interdisciplinaridade como exigência de um saber mais completo e global e a abertura a outros ramos do saber para os quais fornecem materiais dados já tratados, e um enquadramento situacional que bem podem

<sup>11</sup> CARRIER, H., *art. cit.*, p. 490.

<sup>12</sup> Cf. *Ibidem*, p. 492.

ambientar uma reflexão apurada numa perspectiva directa do homem, do seu destino. «O que se entende pelo termo 'razão' é sem dúvida, muito mais vasto do que aquilo que nos é revelado pelo rosto da ciência hodierna... A razão neste sentido mais alargado, está profundamente ligada ao próprio destino do homem»<sup>13</sup>. Daí o lugar sempre pertinente da *Filosofia* numa Universidade. Racionalidade ainda que não se fecha neste arco mais amplo de compreensão humana mas pesquisadora como é do mistério do homem e da sua significação estará aberta, também ela, ao menos em atitude expectante, para outras formas de conhecimento e de transcendência. Daí a opção oferecida às consciências, em muitas Universidades, dos estudos teológicos que assumem em si o destino da razão, ligado ao da existência<sup>14</sup> e a põem em contacto com outras fontes de inteligibilidade acerca do destino humano.

## 2. Análise duma situação:

### As Ciências Sociais na Universidade dos Açores

As funções enunciadas e o lugar e o papel que se atribui às Ciências Sociais postulam uma análise da sua situação na nossa Universidade.

Assumo aqui o termo *Ciências Sociais* com o sentido restritivo que ele tem ao nível académico e curricular.

Desde o princípio da Universidade existe o Curso de *História e Ciências Sociais* que, em 1976, abriu com 53 alunos. No ano lectivo 84/85 tinha, no total, 131 alunos. Algumas ligeiras inflexões nesta evolução mas a curva tem sido em geral ascendente. A partir de 1980/81 existe o Curso de *História* (dita científica — não de ensino) e o Curso de *História e Filosofia* (de ensino) cujas linhas de frequência se situam abaixo do anterior embora com pronunciada tendência ascensional. A frequência em 84/85

<sup>13</sup> Cf. MASSAUX, E., *art. cit.*, p. 244.

<sup>14</sup> *Ibidem*, p. 245.

era, respectivamente, de 92 e 97 alunos. Ao todo, presentemente, *três cursos de História*.

A designação bivalente de *História e Ciências Sociais* faria supor uma quota proporcional de disciplinas (que não se requeria fosse absolutamente igual) e uma carga horária de igual teor. Mas assim não sucede. Em *História e Filosofia*, sem haver paridade há, todavia, maior equilíbrio quanto a estes factores nas duas componentes (nem de estranhar seria se a Filosofia viesse a tornar-se ainda, sob tais aspectos, mais próxima em relação com a sua componente associada ou se constituísse mesmo em curso autónomo).

Tal situação das Ciências Sociais está longe de satisfazer. As minhas convicções sobre a matéria vêm-se expressando claramente desde o princípio em apoio do que me reporto à *informação* prestada, por solicitação da Reitoria em 10-12-79, a propósito da Reorganização dos Planos de Estudos dos Cursos de Ciências Sociais e de que transcrevo literalmente alguns extractos: «Se se tem como perspectiva o fomento do ensino destas matérias nas referidas escolas (secundárias) para um futuro próximo; se se tem em conta o valor *in se* das Ciências Sociais como parte do saber actual; se se considera a funcionalidade destas ciências para várias profissões; se se vê nelas um modo de preparação para a investigação preliminar dos Planos de Desenvolvimento Económico e Social da Região dos Açores; então está desajustado o Programa do dito curso e precisaria de uma reformulação até para merecer tal designação». E estranhava-se também nesse texto que a História tivesse uma saída pelo estágio e não, assim, as Ciências Sociais<sup>15</sup>.

<sup>15</sup> Informação sobre um Curso de Ciências Sociais no I. U. A. face ao documento *Segundo Relatório do Grupo de Trabalho Encarregado da Reorganização dos Planos de Estudo dos Cursos de Ciências Sociais*, da Secretaria de Estado do Ensino Superior, Ministério da Educação. Nesta *Informação* sugeria-se ou um *Curso autónomo de Ciências Sociais* ou *Inserção noutros Cursos* nas seguin-

Com pequenas «nuances» é esta, apesar da distância no tempo, a situação que se mantém em referência às Ciências Sociais.

Em anos mais recentes (7-6-84) adiantou-se inclusive um anteprojecto de reformulação do curso mencionado com a colaboração do Professor Doutor Manuel Nazareth, mas sem êxito<sup>16</sup>. Aí as Ciências Sociais passariam para 18,6% (distante da História 39,5%). Esta reformulação sugerida pela própria direcção do Departamento de História é coerente com o Plano a Médio Prazo do mesmo Departamento (para os anos 1985/1988) onde se lê: «Vai ser entretanto estudado e proposto o aumento numérico das componentes sociológicas ... afim de se alcançar uma proporção mais equilibrada entre as duas áreas ... deverá entrar em vigor no ano lectivo 85-86»<sup>17</sup>.

Os obstáculos advindos para as Ciências Sociais quer da definição insuficiente (e às vezes ambígua), da *habilitação* em tal matéria, quer da organização dos estágios respectivos (necessários para uma equiparação com a História) deveriam constituir ponto de honra da acção da Universidade junto da Secretaria de Educação e Cultura e do Ministério para prestígio dos seus cursos e para a verdade

---

tes condições: equilibrar a quota de disciplinas de uma e outra área de forma a permitir uma formação nas duas áreas cobertas pela designação; garantir os estudos de Licenciatura numa e doutra no I. U. A. ou transitando com equivalência para outros estabelecimentos universitários; assegurar em consequência os estágios não só em História mas também em Ciências Sociais (Sociologia).

<sup>16</sup> Cf. PROPOSTA elaborada pelo Prof. Doutor J. Manuel Nazareth com a colaboração dos membros do Centro de Estudos Sociais (C. E. S.) da Universidade dos Açores (Departamento de História) em 7 de Junho de 1984. E terminava o documento: «*Esta PROPOSTA DE ALTERAÇÃO CURRICULAR que nos pareceu coerente e até modesta é o mínimo a considerar para que um Curso se designe de História e Ciências Sociais*» (p. 13).

<sup>17</sup> Cf. PLANO A MÉDIO PRAZO PARA OS ANOS DE 1985/1988, Departamento de História, p. 5.

das situações. Era neste estilo que a Comissão de Curso para a Reestruturação da Licenciatura em História e Ciências Sociais da Universidade do Minho se pronunciava (1983): «Os alunos que optarem por este curso farão estágio em História (para já) mas ficarão suficientemente habilitados para leccionar as disciplinas de Antropologia Cultural e Sociologia que existem em alguns ramos do Complementar. É porém necessário e fundamental que a Universidade obtenha do Ministério da Educação reconhecimento para o efeito. Caso contrário resultará inútil a bivalência que se estabeleceu neste Curso com todas as vantagens daí decorrentes. A não obter-se esse reconhecimento conter-se-á e perder-se-á por essa via a política que, neste sector, desde o princípio esta Universidade pôs em execução. Esse reconhecimento é, pois, ponto prévio obrigatório»<sup>18</sup>.

É essa política que se vislumbra no estabelecimento de um curso bivalente, também aqui, e se deseja a Universidade dos Açores leve a cabo com êxito.

A persistência destas e outras dificuldades que têm surgido deram-nos o contexto para uma *Memorização* de vários pontos sobre as Ciências Sociais que apresentámos superiormente às instâncias da Universidade (13-6-85). Aparte os aspectos circunstanciais próximos que o motivaram (e que são de menor interesse) permanece válida no essencial a interpelação feita para uma definição e clarificação convenientes.

Podendo colher-se pela comparação com outras situações uma exemplaridade e um estímulo para o desbloqueamento da situação que nos respeita e envolve, aduzirei alguns elementos trazidos de outras Universidades que pude contactar entre Novembro e Dezembro de 85 (numa deslo-

---

<sup>18</sup> Cf. REESTRUTURAÇÃO DOS CURSOS DE LICENCIATURA EM ENSINO NA UNIVERSIDADE DO MINHO, PLANOS DE ESTUDO, Considerações 1 e 2 (policopiado).

cação programada com o Departamento de História e a Reitoria).

Na Universidade do Minho existe, como já se referiu, a licenciatura em ensino de *História e Ciências Sociais*. Esta componente entra com 30 Unidades de Crédito (UC) (frente à História com 67,5 UC). Em exemplificação mais individualizada refere-se que Antropologia, Sociologia e Métodos das Ciências Sociais são anuais (aqui semestrais). No Curso de Licenciatura em *Relações Internacionais* (ramo de relações culturais e políticas) a Antropologia Cultural e a Sociologia participam com 20 UC (há ainda o ramo de económicas e políticas em que é menor a quota de tais ciências)<sup>19</sup>.

Em Évora existe o Curso de *História e Ciências Sociais* onde esta segunda componente entra com 24,5 UC frente à História com 57 UC. Em organização semestral, e como índice ainda, a Sociologia Geral tem dois semestres bem como a Antropologia Cultural e a Introdução à Metodologia das Ciências Sociais. Além disto mantém esta Universidade um Curso de Licenciatura em *Sociologia*<sup>20</sup>.

Em Lisboa o ISCTE tem duas licenciaturas em *Antropologia Social* e em *Sociologia*<sup>21</sup>. A Universidade Nova de Lisboa na sua Faculdade de Ciências Sociais e Humanas pratica três licenciaturas: *Sociologia, Antropologia e Comunicação Social*<sup>22</sup>.

<sup>19</sup> Cf. *Guia da Universidade do Minho, 1984-1985*, pp. 54-56, 92-93, 94-95.

<sup>20</sup> Cf. *Cursos de Licenciatura em Ensino*, 10, 1983-1984; e *Licenciatura em Sociologia*, Portaria n.º 663/10, 10 de Dezembro, *Diário do Governo*, I Série.

<sup>21</sup> Cf. Portaria n.º 663/79 *supra* e *Planos de Estudo da Licenciatura em Sociologia e Antropologia Social* (policopiado).

<sup>22</sup> Cf. Portaria n.º 663/79 *supra*.

A Universidade do Porto através da Faculdade de Letras abriu desde Outubro do corrente ano lectivo 85/86 um Curso de Licenciatura em *Sociologia*<sup>23</sup>.

Nascidas de exigências de regionalização e para respostas adequadas ao meio ambiente (Minho e Évora), querendo responder às exigências do trabalho, da organização empresarial e às interpelações da sociedade em grandes meios (Lisboa e Porto) as Instituições referidas apontam-nos caminho e trazem-nos esquemas face aos quais poderemos compor o nosso próprio modelo de organização nesta matéria.

Em termos de comparação *externa e interna* as Ciências Sociais na Universidade dos Açores têm uma quota exígua. São o *parente pobre* da História.

A investigação tem-se visto também bastante cerceada, umas vezes pela urgência de trabalhos de Tese, muitas vezes por restrições orçamentais (e outras).

*Em dez anos de caminhada as Ciências Sociais são ainda um sector subdesenvolvido na nossa Universidade o que contrasta com o papel que lhes cabe ao nível social e cultural nesta sociedade insular em renovação*<sup>24</sup>.

<sup>23</sup> Cf. Portaria n.º 352-C/85 de 8 de Junho, *Diário do Governo*, I Série.

<sup>24</sup> «Do todo destes contactos e informações concluí ser necessário rever a nossa situação na área de *Ciências Sociais* onde é muito reduzida a cota ou 'dose' de disciplinas no respectivo Curso de 'História e Ciências Sociais' e activar o *Centro de Estudos Sociais* da nossa Universidade garantindo-lhe o suporte necessário e a conveniente autonomia para que possa cumprir a sua função e responder com eficácia às interpelações desta Região insular em vias de desenvolvimento. Os elementos e informações escritas recolhidos fornecem-nos amplo material para reflexão» (RELATÓRIO apresentado à Reitoria da Universidade dos Açores sobre a Deslocação ao Continente de 22 de Novembro a 3 de Dezembro de 1985).

Será importante que o *Centro de Estudos Sociais* criado no interior da estrutura departamental<sup>25</sup>, e já empenhado em acções conjuntas, ou outra organização sucedânea, partilhe duma autonomia conveniente, disponha de meios e de pessoal de apoio para poder exercer com eficácia a sua acção dentro de regras bem estabelecidas e acordadas; que as relações com os seus membros não deixando de ser personalizantes relevem também o carácter orgânico da respectiva unidade, sinal duma função instituída e do espírito de corpo que a deve integrar; que os papéis atribuídos não se esvaziem do seu conteúdo, para lhes garantir toda a eficácia nas acções de grupo em relação às expectativas formuladas ou supostas; que a flexibilidade da organização e a coerente metodologia dos processos permitam proporcionar, além duma interdisciplinaridade construtiva e desejável, uma continuada vivência comunitária exemplar.

O número de docentes em Ciências Sociais tem vindo a aumentar e é possível completar ainda, pela contratação e pelo apoio de outros Departamentos, o elenco necessário para abordar as tarefas do *Ensino*, da *Investigação* e dos *Serviços à Comunidade* de acordo com as necessidades, as novas interpelações da Região e as exigências da cultura moderna.

Várias são as alternativas de Ensino na área de Ciências Sociais e as suas formas de organização: reformulação do curso, curso autónomo, curso com outras composições, cujo estudo é necessário abordar de pronto juntamente com o da respectiva Unidade de investigação face à problemática supra mencionada<sup>26</sup>.

---

<sup>25</sup> DESPACHO n.º 186/83 e DESPACHO n.º 187/83, da Reitoria da Universidade dos Açores; cf. DESPACHOS n.ºs 87/85 e 88/85.

<sup>26</sup> Ver: Gráfico anexo.

Ao fim de dez anos vividos na Universidade e com a Universidade devo confessar, como depoimento pessoal, que me sinto ainda motivado e empenhado na minha função de docente e nas tarefas de investigação e de serviço que lhe estão conexas.

E se nos toca uma certa frustração pelo desenvolvimento ainda não adquirido, em áreas que partilhamos por especialização e atribuição de papéis, anima-nos a esperança de que a tenacidade dos homens, a racionalidade dos processos e a lição deste Aniversário irão maturar as soluções adequadas.

A N E X O

UNIVERSIDADE DOS AÇORES

EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE ALUNOS POR GRUPOS

